



**REVISTA RA'E GA (Online) – O ESPAÇO GEOGRÁFICO EM ANÁLISE**

N.30/2014 ISSN 2177-2738

Departamento de Geografia e Programa de Pós-Graduação em Geografia  
Universidade Federal do Paraná - UFPR

e-mail: [raega@ufpr.br](mailto:raega@ufpr.br) web site: <http://ojs.c3sl.ufpr.br/ojs-2.2.4/index.php/raega/index>

## NOTA EDITORIAL

A revista *RA'E GA - O Espaço Geográfico em Análise* apresenta o 30º volume. Trata-se de uma edição temática, intitulada "DOSSIÊ: Mapas Rizomáticos e Novas Cartografias".

Agradecemos a todos os colaboradores da revista RA'E GA, leitores, autores, revisores, participantes do comitê científico e aos organizadores dessa edição temática.

Claudinei Taborda da Silveira – UFPR (Editor Chefe da revista RA'E GA)  
Carlos Henrique Sopchaki – UFPR (Editor Assistente da revista RA'E GA)

## DOSSIÊ: Mapas Rizomáticos e Novas Cartografias<sup>1</sup>

Jörn Seemann (Editor responsável pelo volume temático)<sup>2</sup>  
Ana Maria Hoepers Preve (coeditora do volume temático)<sup>3</sup>  
Valéria Cazetta (coeditora do volume temático)<sup>4</sup>

*Quantos mapas, num sentido descritivo (geográfico), seriam necessários para tratar exhaustivamente de um espaço social, para codificar e decodificar todos os seus significados e conteúdos? Não há certeza se seja possível contá-los. Pelo contrário: o não-*

<sup>1</sup> Volume especial da Revista RA'E GA, parte do projeto "Imagens, Geografias e Educação", Processo CNPq 477376/2011-8.

<sup>2</sup> Departamento de Geociências, Universidade Regional do Cariri, e-mail: [jornseemann@gmail.com](mailto:jornseemann@gmail.com).

<sup>3</sup> Departamento de Geografia, Centro de Ciências Humanas e da Educação (FAED), Universidade do Estado de Santa Catarina (UDESC), e-mail: [anamariapreve@gmail.com](mailto:anamariapreve@gmail.com).

<sup>4</sup> Escola de Artes, Ciências e Humanidades (EACH), Universidade de São Paulo, e-mail: [vcazetta@gmail.com](mailto:vcazetta@gmail.com)

*inumerável se introduz aqui, uma forma de infinito presente, como em uma pintura de Mondrian. Não são apenas os códigos (a legenda do mapa, as convenções da sua produção e leitura) que mudam, mas também os objetos e objetivos, as escalas. A ideia de um pequeno número de mapas ou de um único e singular mapa só pode vir de uma área especializada que se afirma no isolamento (LEFEBVRE, 2000, p.103).<sup>5</sup>*

## APRESENTAÇÃO

O filósofo francês Henri Lefebvre expressa muito bem o estado da arte da cartografia nas ciências humanas na atualidade cujo terreno tem-se tornado movediço nas últimas duas décadas. Sob a influência de diferentes referenciais teóricos e aportes metodológicos, abriram-se perspectivas desafiadoras para repensar os mapas e refletir sobre representações cartográficas e as suas relações com a sociedade. Filósofos como Michel Foucault, Gilles Deleuze e Félix Guattari convidam, a partir de contextos próprios, a derivar das normas, subverter convenções e com isso subverter também os mapas, quando estes são entendidos e utilizados apenas como decalques da realidade (OLIVEIRA Jr., 2012). Mapas não são mais vistos exclusivamente como expressões de certezas, mas como passagens que estão abrindo novos caminhos para apreender a experiência humana do espaço (CAZETTA, 2009; OLIVEIRA Jr., 2011). Por isso sua forma, concepção e expressão podem ser um tanto mais movente, como nos mostram alguns textos presentes neste dossiê, porque lidam com a topografia de forças invisíveis. Surgiram, então, “novas cartografias”, ou melhor, cartografias alternativas ou complementares que não visam a substituir as “antigas” ou “velhas”, mas que procuram encontrar diferentes agendas, ângulos e argumentos. (GIRARDI, 2012). Há ainda uma crescente bibliografia sobre esse tema no Brasil que ajuda a estabelecer um diálogo além dos limites disciplinares da geografia e da cartografia. Por um lado, muitos mapas fisicamente continuam os mesmos. O que muda é a maneira de conceber e vê-los. Por outro lado, novas criações cartográficas estão emergindo desde mapas digitais até formas não-materiais, conceituais e metafóricas. Na citação de Henri Lefebvre no início deste editorial, observa-se que não há um número finito de mapas para apreender a realidade. Se a realidade é movente, porque assim é a experiência humana do espaço, também seria assim uma outra cartografia, trazendo à superfície novas linhas. Existe um permanente dever cartográfico. Mapas não têm status ontológico, mas geram ontologias (KITCHIN; DODGE, 2007).

Mapas podem também configurar mapas daquilo que é nada. Ou surgirem, simplesmente em nossas imaginações... do nada! O compositor e cantor baiano *Carlinhos Brown* afirma possuir um “mapa do meu nada” para trafegar “por teus fios”. Que fios seriam esses? Os das linhas rizomáticas dos mapas que “nessa estrada carriada só você é o meio-fio de luz”? Quiça! *Gabriel O Pensador* e *Adriana Calcanhoto* também cantaram que “nossa vida é feita de pequenos nadas”. Os

---

<sup>5</sup> Tradução livre da edição francesa para o português pelos autores.

referidos artistas ao criarem blocos de sensações tornam sonoras forças “insonoras” (MACHADO, 2009), que se espraiam nas geografias que nos habitam, grafando em nós forças invisíveis. Por que tomamos referências musicais para conectar com o tema desse dossiê? Justamente por também encontrar nelas as potências que movem o pensamento naquilo que o espaço cartográfico cartesiano jamais tocará: as densidades de nossas experiências - criadoras de sensibilidades.

Os nove habitantes-textos deste dossiê podem ser vistos como um recorte destes pensamentos multivocal e rizomático na cartografia que se funde com áreas como a filosofia, literatura, antropologia e educação. Nossos autores expressam um pouco do muito que se passa na contemporaneidade com os mapas, com a cartografia e, por extensão, com a geografia.

Apresentamos para início de conversa algumas fagulhas do que está expresso nas páginas deste número, assim o leitor pode ter uma ideia do que estamos chamando mapas rizomáticos e novas cartografias.

O foco de interesse do texto Eduardo Álvarez Pedrosian que abre o dossiê é sobre as conexões conceituais que suportam e potencializam a criação de cosmologias espaciais, a elaboração de um pensamento em devir e o múltiplo que sempre escapa das discussões “essencializantes”. Inicialmente o autor aborda as correntes do estruturalismo, do pós-estruturalismo e do “pensamento de fora” para, em seguida, apresentar as relações entre arte, ciência e filosofia na produção das cartografias dos processos de subjetivação. Por fim, o autor debruça-se sobre os elementos e formas de composição dessas cartografias e ao considerar variações como o diagrama, rizoma, colcha de retalhos, moldura e *script* audiovisual, trata de temas como o espaço-tempo e a criatividade por meio da filosofia de Deleuze, Guattari e Foucault, da qual também lança mão para abordar as contradições do mapeamento.

Dando continuidade à reflexão de Pedrosian, Renata Moreira Marquez, ao criticar o mapa como modelo privilegiado de representação do espaço, aborda algumas das suas transformações históricas na tensão constantemente experimentada entre *inventário* e *invenção*, através de um conjunto selecionado de reflexões e proposições de autores vindos não da geografia mas das artes visuais e da literatura tais como Joaquín Torres-García, Georges Perec, Joan Brossa, Julio Cortázar e outros. Marquez propõe repensar a cartografia como plataforma científica, considerada outrora como potência mítica para relatos abertos e transversais à ciência e que, no contexto atual, pode tornar-se uma plataforma de ação criativa em prol de novas sensibilidades perceptivas acerca de nossas relações geográficas.

Em “Cartografia Geográfica”, Gisele Girardi ao tensionar este campo num “entre” o “já-estabelecido” e o “não mais suficiente” afirma que esses dois domínios, quando abordados separadamente, são despotencializadores da cartografia na Geografia, mas que no “entre” é possível situar a pertinência e a riqueza de se fazer e pensar a cartografia na geografia contemporânea. O propósito deste texto é trazer elementos para dar visibilidade ao “entre” mencionado, levando Girardi a sugerir algumas estratégias para se habitar este “entre” como potência criativa para expansão do campo da Cartografia geográfica.

Jörn Seemann apresenta suas reflexões, empregando um estilo de escrita diferente dos demais autores. Ao dar um caráter de resumo ao seu texto que consiste em menos do que duas páginas, de modo que as notas de fim servem

como verdadeiras seções de um artigo que não precisam ser lidas em ordem sequencial, ele problematiza as relações entre a literatura e a cartografia. Inspirando-se em publicações no campo da geografia cultural, argumenta que conceitos como “evento”, “narrativa” e “história” podem abrir novos caminhos para o estudo da interface entre estudos literários e a cartografia como práticas socioculturais.

O poema *Sobre Importâncias* de Manoel de Barros abre o texto de Juliana Cristina Pereira, apontando para um sentido íntimo acerca das importâncias que nos afeta sensivelmente. A autora busca neste texto criar cartografias diversas, construindo coletivamente reflexões acerca do ser *professor-artista-cartógrafo-etc*, cuja proposta objetiva potencializar afetos e provocar encontros e atravessamentos em redes na criação de cartografias, levando-nos a refletir sobre outros modos de conceber a relação da cartografia com a educação, com a arte, com a vida e *suas importâncias*.

Três experiências cartográficas em um seminário de pós-graduação em geografia servem Tânia Seneme do Canto para refletir sobre as relações entre cartografia e arte. A autora discute essas obras espontâneas à luz de algumas publicações recentes sobre a subversão da educação cartográfica no Brasil e na modernidade e conclui que apesar das normas e convenções vigentes, os mapas ficam abertos à imaginação e práticas subjetivas.

De uma perspectiva *deleuziana*, Karina Rousseng Dal Pont aborda, por sua vez, o mapa como criação de resistências. Suas reflexões são sustentadas pelas conexões que faz entre a cartografia e artistas contemporâneos que utilizam a base cartográfica como parte de suas obras. São ainda fruto de um diálogo que guarda as especificidades de cada uma dessas áreas do conhecimento, mas imiscuídas pela potência desejante de cartografar fluxos experimentais que se dão no acontecer de práticas educativas, realizadas por Dal Pont, com professores em formação. Nesse sentido, o caminho investigativo escolhido pela autora foi inventar formas de rasurar os mapas tratando-os não como fórmulas prontas ou dadas sobre o espaço, mas, indo além das suas funções de leitura e comunicação.

Ver e não ver. Eis os desdobramentos e reflexões de práticas desenvolvidas na oficina *Geografia Experimental do Corpo*, desenvolvida por Danilo Stank Ribeiro, cujo mote foi propiciar aos participantes um percurso sensório-espacial sem o uso da visão, resultando em “mapas sensacionais”. Partindo desse contexto de formação e prática em educação, Ribeiro alicerçou seu texto em dois eixos: a relação do visível (olhar) e do corpo com espaço, e as cartografias oriundas dessa relação. Paralelamente a isso, Ribeiro analisou a proposta de oficina, considerando-a como ferramenta prática que tenta fazer com que algo nos passe, radicalizando de maneira profícua uma aproximação ao conceito de experiência, proposto por Jorge Larrosa, relacionado com um modo de fazer e pensar cartografia.

Frederico Canuto problematiza a produção de paisagens como prática que envolve diferentes agentes e percepções. Mapas e atlas, cartografias por demais usuais, serão transformados em conceitos para se pensar a paisagem e sua produção na contemporaneidade, lançando mão do conceito de espasmo de Gilles Deleuze – quando do estudo dos quadros do pintor irlandês Francis Bacon. Por meio de duas obras (o trabalho artístico participativo *Alter Bahnhof Video Walk* dos artistas Janet Cardiff e George Miller apresentado na DOCUMENTA XIII de Kassel em 2012 e o sítio interativo *We feel Fine. An Exploration of Human Emotion, in Six*

*Movements* feito pelos designers Jonathan Harris e Sep Kamvar) o autor nos sugere o mesmo tipo de operação realizada por Deleuze.

Ao término dos "aperitivos", deixemos que o leitor passe ao "prato principal" escolhendo como entrada aquele que mais lhe causar curiosidade, estranhamento, interesse ou vontade. O que nos interessa é um estranhamento por aquilo que já está dado à percepção dos mapas, da cartografia e da geografia.

Concluimos esta parte agradecendo aos autores pela provocação que seus textos fazem emergir e, por seguirem alimentando a pergunta de Lefebvre: "Quantos mapas, num sentido descritivo ou geográfico, seriam necessários para tratar exaustivamente de um dado espaço, para codificar e decodificar todos os seus significados e conteúdos?" Muitos? Não, incontáveis!

## Referências

CAZETTA, Valeria. Aproximações e distanciamentos entre a linguagem cartográfica e outras linguagens. **Biblio 3w** (Barcelona), v. XIV, p.1-14, 2009.

GIRARDI, Gisele. Mapas alternativos e educação geográfica. **Percursos** (Florianópolis), v.13, n.2, p.39-51, 2012.

KITCHIN, Rob; DODGE, Martin. Rethinking maps. **Progress in Human Geography**, v.31, n.3, p.331-344, 2007.

LEFEBVRE, Henri. **La production de l'espace**. 4ª ed. Paris: Ed. Anthropos, 2000.

MACHADO, Roberto. **Deleuze, a arte e a filosofia**. Rio de Janeiro: Zahar, 2009.

OLIVEIRA Jr., Wenceslao Machado de. Fotografias e conhecimentos do lugar onde se vive - linguagem fotográfica e atlas municipais escolares. In: ALMEIDA, Rosângela Doin de, org. **Novos rumos da cartografia escolar**. São Paulo: Contexto, 2011, p. 13-36.

\_\_\_\_\_. Mapas em deriva - imaginação e cartografia escolar. **Geografares** (Vitória), v. 11/12, p. 1-49, 2012.